

COLEÇÃO

sexualidade, gênero e sociedade

homossexualidade e cultura

TODA FEITA:
O CORPO E O GÊNERO DAS TRAVESTIS

Marcos Renato Benedetti

Garamond
UNIVERSITÁRIA

INTRODUÇÃO

AS TRAVESTIS: PRIMEIROS OLHARES, IMPRESSÕES E AFETIVIDADES

Minha primeira aproximação com o universo *trans* se deu em Porto Alegre, em meados de 1994, no Núcleo de Ação e Estudos da Prostituição do Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA/RS). Nessa equipe de trabalho, comecei a participar do projeto de prevenção da Aids entre travestis profissionais do sexo. Na época, aluno do curso de ciências sociais, estava interessado em compreender a dimensão sociológica das políticas públicas de saúde e as dinâmicas da relação entre médico e paciente. Com o passar do tempo, novas indagações e inquietações surgiram. Comecei, então, a me dedicar ao estudo das temáticas do corpo e do gênero, especialmente no que diz respeito à sua dimensão cultural, impulsionado por uma aproximação mais sistemática à bibliografia antropológica.

Ao mesmo tempo, minha participação no Grupo de Travestis do GAPA/RS descortinou-me uma série de curiosidades e dúvidas acerca das práticas sociais das travestis, especialmente aquelas relacionadas aos usos e transformações do corpo — que, como veremos, é uma prática estruturante das suas visões de mundo — e do seu principal objetivo: a vontade/projeto de se *sentir* mulheres.

Conhecendo melhor as categorias e conceitos desenvolvidos pela antropologia, percebi que pesquisar e compreender esse grupo pode-

ria trazer pistas e mesmo algumas contribuições sobre questões que, do meu ponto de vista, não haviam sido respondidas de forma satisfatória ou aprofundada nos trabalhos que eu conhecia. Persistiam dúvidas acerca da (con) fusão entre as categorias gênero e sexualidade (Leal & Boff, 1996; Leal, 1998), as ferramentas mestras das análises antropológicas sobre as (homos)sexualidades. Inquietava-me também a pouca atenção analítica dedicada ao tema do corpo, que bém a pouca aparência como um extrato “figurativo” dos trabalhos, muitas vezes aparecia como um extrato “figurativo” dos trabalhos, sem receber o devido enfoque cultural, que pode auxiliar sobremaneira na compreensão da visão de mundo e das práticas sociais do grupo em análise, sobretudo naquilo que se relaciona aos domínios do gênero.

Decidi, assim, desdobrar num projeto de pesquisa as inquietações que as travestis me sugeriam. Com o objetivo de ampliar os entendimentos sobre os significados das práticas e intervenções no corpo que as travestis executam, bem como sobre os seus valores de gênero, comecei a conviver com elas em diferentes situações, visitando-as nos locais de prostituição e em suas casas. Passei a acompanhá-las nas festas, nos encontros, nas compras, nas depilações e na vida doméstica. Este trabalho é um resultado da minha convivência e do meu aprendizado junto às travestis. Trata-se de uma etnografia sobre as práticas sociais de construção do gênero observadas num caso radical de transformação corporal e social: as travestis que se prostituem em Porto Alegre.

Além de não identificar diretamente as travestis com os “gays”, “homossexuais” ou “entendidos”,¹ operação típica do olhar institucional e do senso comum sobre esse grupo, acredito ser importante inserir os discursos e valores de gênero como fatores organizadores dos processos sociais aqui analisados. Os processos de transformação do gênero, exemplificados no caso das travestis e suas construções corporais, contribuem para ampliar a compreensão dos processos culturais de construção do corpo, do gênero e da sexualidade.

Em 1995, quando iniciei minha aproximação com as travestis, achava que poderia, de forma simples e objetiva, descrever ou categorizar esse grupo em poucas palavras, a partir de alguns traços e aspectos específicos. Porém, no processo de elaboração do texto etnográfico, resultado de um longo trabalho de pesquisa, aprendizado e convivência no universo *trans*, essa proposta foi se mostrando duvidosa e arriscada. As múltiplas diferenças e particularidades vivenciadas pelas pessoas nesse universo social não podem ser reduzidas a categorias ou classificações unificadoras, pois estas, ao tornar equivalentes visões de mundo e identidades às vezes até antagônicas, podem ser arbitrárias. Se a antropologia é por excelência a disciplina de demonstração das particularidades e especificidades das práticas sociais, os procedimentos de tipologização, classificação e promoção de algum grau de generalização são inseparáveis da tarefa científica.

Não é minha proposta realizar um inventário ou enumeração minuciosa das possíveis identidades sociais do universo *trans*, mas não posso furtar-me à tarefa de definir, de alguma forma, o grupo que foi o foco de minha atenção nesses anos de trabalho e pesquisa. Prefiro utilizar o termo universo *trans* em função de sua prioridade de ampliar o leque de definições possíveis no que se refere às possibilidades de “transformações do gênero”. Essa denominação pretende abranger todas as “personalizações” de gênero polivalente, modificado ou transformado, não somente aquelas das travestis. Assim — é preciso ser dito —, em nenhum momento encontrarei-se neste trabalho uma definição categórica das travestis. Essa definição será, antes, uma construção efetuada ao longo de todo o texto. Espero que ela possa contribuir para ampliar os conhecimentos que temos sobre as pessoas que cruzam e deslocam as fronteiras do gênero, afastando-nos das imagens exóticas e das perspectivas victimizantes, que ainda são correntes no senso comum.

O universo *trans* é um domínio social no que tange à questão das (auto)identificações. Muitas são as categorias nativas que definem e classificam pessoas, hábitos, práticas, valores e lógicas como pertencentes a esse domínio. Por exemplo, entre as travestis que se

¹ Guimarães (2004), num trabalho pioneiro, faz um estudo dos significados desses termos.

prostituem, que constituem o foco principal desta pesquisa, são termos várias definições distintas para tipologizar homens (em termos anatómicos e fisiológicos) que se constroem corporal, cultural e subjetivamente de forma feminina, como, por exemplo, *travestis*, *transfeministas* e *transsexuais*. Neste contexto, os principais fatores de diferenciação entre uma figura e outra se encontram no corpo, suas formas e seus usos, bem como nas práticas e relações sociais.

Segundo a lógica do grupo estudado, travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste, a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição *sine qua non* da sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social. As transexuais, por sua vez, promovem intervenções leves — que podem ser rapidamente suprimidas ou revertidas — sobre as formas masculinas do corpo, assumindo as vestes e a identidade femininas somente em ocasiões específicas. Não faz parte dos valores e práticas associadas às transexuais, por exemplo, circular durante o dia *montada*, isto é, com roupas e aparência femininas. Essa prática, segundo o ponto de vista nativo, está diretamente relacionada com as travestis e com as transexuais.

É preciso apontar que a categoria *travestis* sobreposição à categoria *transsexuais*, uma vez que esta última é recente e ainda tem pouca presença no universo em pauta, funcionando muito mais por

² Pirani (1998: 9) observou entre as travestis estrangeiras em Paris como essa categoria é exógena e sem eco entre aquele grupo. No entanto, elas buscam se reconhecer nela ou por meio dela, talvez pelo próprio argumento médico/psicológico embuído nessa categoria, que oferece a possibilidade de deslocar também uma estratégia criativa para driblar o preconceito e garantir algum grau de inserção social. Isso está mais aprofundado no capítulo III, seção “A invenção da transexualidade”.

auto-identificação do que por atribuição, talvez pela própria lógica médico-psicológica que a constrói e define? Assim, neste trabalho, o termo travestis inclui também as pessoas que se identificam enquanto transexuais e que fizeram parte do grupo de informantes da pesquisa. As transexuais são vistas aqui como uma tipologia reinterpretada e reinventada, desprovida — ainda que essa lógica esteja em sua origem (Shapiro, 1991) — do sentido médico-científico de “patologia”.

Além das travestis, transexuais e transfeministas, há uma verdadeira miríade de tipos que poderiam ser listados na categoria universo *trans*. As palavras *gay*, *viado*, *bicha*, *bicha-boy*, *traveca*, *caminhoneira*, *bofe*, *maricon*, *marica*, entre outras, definem algum grau de transformação nas construções do gênero das pessoas a que se referem.³ Mas não é objetivo deste trabalho realizar um inventário minucioso dessas classificações e das práticas, valores e hábitos a elas relacionados. A pesquisa que deu origem a este livro se deteve explicitamente em observar e analisar as travestis e as transexuais, tomadas conforme suas próprias classificações.

É relevante esclarecer os motivos que me levam a empregar o substantivo *travesti* como pertencente ao gênero gramatical feminino. Além das razões que valorizam o próprio processo de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis, e que levam em conta a utilização êmica desse termo, usualmente empregado na flexão feminina, há uma justificativa política. O respeito e a garantia à sua construção feminina estão entre as principais reivindicações do movimento organizado das travestis e transexuais. Quero que meu trabalho contribua com esse objetivo, valorizando e afirmando o gênero feminino — cultural e gramatical — das travestis.

Este livro está organizado em três capítulos. O primeiro, “Aventuras antropológicas pelo universo *Trans*”, contém uma revisão das aproximações da antropologia ao tema das transformações de gênero

³ Análise melhor estas questões em um artigo intitulado “A calçada das máscaras”. Ver Benedicti (2002).

ro e das análises e conceitos desenvolvidos para a abordagem do feminino nessa disciplina. Apresenta detalhes e informações sobre a realização da pesquisa — baseada no método etnográfico e suas ferramentas de coleta e análise dos dados —, as informantes e o universo pesquisado. Nesse capítulo também são debatidas questões relativas à natureza do trabalho de campo, com suas implicações subjetivas e objetivas para o pesquisador e para as pesquisadas.

O segundo capítulo, “Entre curvas e sinuosidades: a fabricação do feminino no corpo das travestis”, apresenta um relato detalhado dos processos desenvolvidos pelas travestis para modificar as formas de seus corpos. Pretendo demonstrar a importância e o papel do corpo no processo social de fabricação do gênero entre as travestis por meio da descrição, entre outros processos, dos tratamentos com os cabelos e os pêlos do corpo, das técnicas e valores da maquiagem, do emprego de roupas, sapatos e acessórios, do uso de hormônios femininos e suas implicações e das aplicações de silicone para formar novos contornos corporais.

O terceiro capítulo, “Vivendo no feminino: as dinâmicas e domínios do gênero entre as travestis”, trata de alguns “domínios” do gênero no cotidiano das travestis. Analisam-se os conteúdos sociais presentes nas narrativas das travestis sobre as razões e os motivos de suas transformações, que indicam configurações de gênero específicas. Com o objetivo de ampliar a compreensão acerca dos valores e lógicas que constroem os domínios do masculino e do feminino na cultura das travestis, também são descritas as dinâmicas das relações estabelecidas entre as travestis, entre elas e seus maridos, entre elas e seus clientes da prostituição e entre elas e outros homens.

AVENTURAS ANTROPOLÓGICAS PELO UNIVERSO TRANS

ANTROPOLOGIA TRANS

O OUTRO EXÓTICO E AS “INVERSÕES” DE GÊNERO

As “transformações de gênero”¹ firmam-se cada vez mais como um tema/campo consolidado no interior da antropologia. As tentativas de descrição e interpretação das “transformações de gênero” aparecem já na primeira metade do século XX, com as descrições abundantes, ainda que confusas, sobre a “instituição das *berdaches*” entre algumas sociedades “simples” da América do Norte. As *berdaches* eram indivíduos que, nascidos homens, passavam a adotar vestimentas e comportamentos femininos, executavam tarefas e atividades nitidamente destinadas às mulheres e praticavam sexo com homens, geralmente

¹ Nas primeiras elaborações da antropologia sobre esses fenômenos, utilizava-se, para definir e analisar essas práticas, o termo “inversão” sexual, depois substituído por “inversão” de gênero. Utilizo a expressão “transformação” do gênero, que julgo ser mais ampla e abrangente, porque compreende em seu escopo um sem-número de possibilidades de práticas e gêneros. O termo “inversão”, por sua vez, foi construído dentro de um quadro de pensamento em que só existem dois gêneros, identificados com a diferenciação anatômica, aparecendo como algo essencializado, bem ao estilo das ciências biológicas. Creio que o termo “inversão” é reducionista e estreito. Prefiro adotar a expressão “transformação”, que considera as características culturais e sociais presentes nos processos abordados.

VIVENDO NO FEMININO: AS DINÂMICAS E DOMÍNIOS DO GÊNERO ENTRE AS TRAVESTIS

As travestis buscam, em todo seu processo de transformação, aquilo que elas chamam de feminino. Um feminino que lhes é bem peculiar e que está orientado por valores e práticas os mais diversos, especialmente no que diz respeito ao corpo e seus usos — sendo as práticas e preferências sexuais os principais pontos levados em conta. Neste capítulo procurarei descrever alguns “domínios do gênero” na vida travesti. Esses “domínios” devem ser entendidos como partes de um todo muito maior, difícil de ser descrito somente com palavras. Apresentarei então algumas experiências e representações que dizem respeito diretamente àquilo que as travestis consideram masculino e feminino, bem como aos possíveis trânsitos e fronteiras entre esses domínios. Isto não significa, no entanto, que estejam retratados aqui todos os contextos, significados e práticas culturais das travestis relacionados com aquilo que nós, antropólogos, chamamos de gênero. Trata-se, antes, de algumas pistas e pontos de vista sobre a construção do gênero entre as travestis.

Com o objetivo de compreender melhor os processos de transformação do gênero vivenciados pelas travestis, julgo importante iniciar apresentando algumas das principais formulações das inves-

estigação e teorizações sobre o gênero na antropologia, em diferentes desdobramentos: as pesquisas sobre mulheres, as pesquisas sobre homens e as pesquisas sobre travestis. Em seguida, passo à descrição de alguns domínios do gênero no universo travesti.

O GÊNERO DAS MULHERES

O objetivo desta seção é apresentar resumidamente algumas discussões sobre a formulação e o emprego do conceito de gênero na antropologia, sem a pretensão de esgotá-las ou superá-las. Procuo apenas indicar algumas idéias desenvolvidas nesse campo de produção científica e fazer uma breve (re)visão do estado atual do debate. Para tanto, concentrar-me-ei em questões e formulações mais gerais, sem me ater a longos pormenores sobre as sucessivas discussões acerca das capacidades heurísticas e/ou da validade epistemológica dos conceitos e noções elaborados nessa área, espalhados em uma produção vasta e diversa.¹

As diferenças qualitativas entre o masculino e o feminino, “ser homem” e “ser mulher”, há muito têm sido objeto de estudo da antropologia. Tornaram-se clássicos os estudos etnográficos das décadas de 30, 40 e 50 que versavam sobre as características sociais e culturais dos homens e das mulheres bem como sobre os processos de aprendizagem dessas características (por ex.: Mead, 1962, 1988; Bateson, 1958; Firth, 1998; Benedict, s/d; Evans-Pritchard, 1978; Malinowski, 1983). Primeiramente restritas a sociedades simples, as aproximações da antropologia com esse objeto de estudo se ampliaram a partir das décadas de 60 e 70, impulsionadas especialmente pelo movimento feminista.

Com a emergência de um movimento organizado que lutava pelos direitos das mulheres, um campo de interesses e objetivos começou a ser delineado em diferentes espaços acadêmicos, entre os quais a antropologia ocupou lugar de destaque. As várias reflexões

¹ Uma visão interessante do desenvolvimento do conceito de gênero pode ser encontrada em Halblom & Sorf (1998) e em Rosaldo (1995).

e comparações realizadas pela antropologia em diferentes sociedades procuravam demonstrar o caráter cultural e social das concepções e práticas relacionadas ao masculino e feminino, em contraposição aos paradigmas biologizantes e naturalizantes.

O desenvolvimento do conceito de gênero, que concebe as diferenças entre os sexos como características culturalmente construídas, representou um rompimento com as lógicas e argumentos até então utilizados para analisar cientificamente essas realidades. Impulsionou também um grande número de estudos e a formação de um campo científico em torno da questão.² Surgida nos Estados Unidos, a partir de um grupo de pesquisadoras que também tinha como objetivo propor “soluções” para mudar a condição opressora da mulher na sociedade, a idéia de gênero, de certa forma, transformou também os paradigmas das ciências sociais.

Paralelamente ao desenvolvimento do conceito de gênero e, em especial, das pesquisas sobre mulheres, uma linha de investigação recebeu atenção especial entre os anos 60 e 70: as pesquisas sobre a honra masculina, em especial nas sociedades mediterrâneas.³ Sem utilizar expressamente o conceito de gênero, esse campo de estudos, ao buscar uma abordagem ampla e “total”, propiciou uma maior compreensão das características do masculino e do feminino nessas sociedades. Se a princípio os pesquisadores responsáveis por esses estudos estavam preocupados com as questões de ordenação política das sociedades, encontraram nas questões relativas ao masculino e sua “honra” a lógica determinante da ordem política. De fato, a temática das “transformações do gênero” não fez parte do escopo dessas pesquisas, que, no entanto, lançaram luzes sobre a questão da produção social e cultural do masculino, contribuindo para que o

² O Women Studies, e mais tarde os Gender Studies, enquanto um campo de interesse científico, parecem ter se institucionalizado muito mais nos Estados Unidos do que no nosso país. Para uma discussão mais ampliada sobre a institucionalização do conceito de gênero na Academia, ver Halblom & Sorf (1998).

³ As pesquisas sobre a cultura mediterrânea formam um conjunto de estudos que impulsionou, na antropologia, as reflexões sobre os processos sociais de construção do masculino. Para maiores detalhes veja a coletânea organizada por Peristianí (1971) e também a obra de Almeida (1995).

próprio conceito de gênero adquirisse uma característica relacional, extrapolando as pesquisas sobre o feminino e sobre as mulheres.

Como bem ressaltam Heilborn & Sorj (1998), o próprio conceito de gênero faz parte da tradição anglo-saxã do pensamento sobre o social. A linha de investigação francesa se pautou mais pelo conceito de “relações sociais de sexo”, o que denota sua franca inspiração marxista (1998: 9). Já a linhagem anglo-saxã, especialmente a norte-americana, em estreita relação com os movimentos de luta pelos direitos das mulheres, investiu na construção do conceito de gênero, acreditando contribuir para uma visibilidade maior da situação “oprimida” da mulher na sociedade, com o intuito de transformá-la.

Essa diferença, a princípio conceitual, se traduz em posições epistemológicas distintas, subjacentes a cada teoria. Enquanto a linha estruturalista, representada, por exemplo, por Pierre Bourdieu e Françoise Héritier, pautou-se em pressupostos “macro”, como as determinações econômicas ou das regras de parentesco, para as realidades agrupadas sob a rubrica do gênero, a tradição norte-americana, por sua vez, investiu nas características culturais que formam e constroem essas realidades, dando ênfase maior aos aspectos discursivos e etnográficos.

Essa diferença ainda se faz visível nos muitos embates que o debate descrito originou e continua a alimentar. Os teóricos franceses, como Bourdieu (1999), afirmam, por um lado, que as formulações norte-americanas têm reduzida capacidade explicativa, pois prendem-se ao desejo de transformação da condição social das mulheres, o que impede a visão “des-historicizada” do problema — tal formulação apenas reificaria a posição das mulheres sem de fato alterá-la. Por outro lado, segundo as principais críticas à teoria estruturalista sobre o social, suas investigações e formulações são concebidas a partir de um viés universalista, o que em prestará à própria noção de gênero um caráter determinístico, quase natural. A linha norte-americana aponta como principal falha teórica das pesquisas estruturalistas, incluindo as de Bourdieu, a grande importância dada à diferença biológica e anatômica para a construção simbólica dessas realidades. Assim, os franceses são

visivos como essencialistas, enquanto os norte-americanos são considerados culturalistas. Esse debate, ademais, não se restringe às questões do gênero; diz respeito a posições epistemológicas distintas na compreensão do mundo social. A própria noção de cultura, com suas diferentes concepções, pode estar por trás das distintas formulações.

Embora haja divergências teóricas nesse campo, foram alcançados muitos avanços e desenvolvimentos. O estado atual do debate na área do gênero parece concentrar-se naquilo que se conhece como “pós-feminismo”, que consiste em uma crítica aos pressupostos universalistas e deterministas preconizados pela teoria feminista clássica, como, por exemplo, a condição de opressão das mulheres, a distinção sexo/gênero e o patriarcalismo.

Judith Butler (1990) tem promovido indagações importantes no campo do gênero, procurando desconstruir a ordem de sexo/gênero, ou a visão do gênero como um atributo cultural depositado ou moldado sobre um receptáculo natural, que seria o corpo (ou o sexo). Por caminhos distintos e com inspirações filosóficas diferentes, Bourdieu também afirma que o gênero não está para a cultura assim como o sexo estaria para a natureza — esta é uma das principais formulações da teoria feminista clássica¹ — mas, antes, formaria um princípio lógico que confere significado às diferentes práticas e representações sociais, inclusive ao corpo.

Embora se costume considerar que as teorias desses autores estão em oposição, meu objetivo aqui, mais do que apontar críticas e falhas nos trabalhos, é encontrar conjunções que me auxiliem a compreender melhor os processos de transformação do gênero entre as travestis. Assim, segundo Butler:

Gênero não deve ser concebido apenas como a inscrição cultural de significado sobre um sexo pré-dado (o que é uma concepção jurthica); gênero deve designar também o próprio aparato de produção por meio do qual os sexos são estabelecidos. Como um resultado, o

¹Para maiores detalhes sobre a equação sexo/gênero = natural/cultura, veja Ottner (1978).

gênero não está para a cultura assim como o sexo está para a natureza; gênero é também o meio discursivo/cultural pelo qual uma natureza sexuada ou um sexo natural é produzido e estabelecido como uma realidade pré-discursiva, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura atua (1990: 7, grifos no original, tradução livre do autor).⁵

Da mesma forma, Bourdieu sustenta que as “estruturas históricas da ordem masculina” (1999:13), usualmente concebidas como “naturais” ou imutáveis, são produtos e produtores da ordem social. São os *habitus* formadores e formados a partir dessa lógica que instituem a predominância de um dos gêneros, os quais são vistos sempre em complementaridade.

O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o fato (ou a falta dele) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o fato, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra (nis) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença social sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. (1999:32)

O gênero deve ser compreendido então como uma lógica social que institui significado a corpos, práticas, relações, crenças e valores. Ainda que seja variável e diverso culturalmente, parece fazer parte de um

⁵ “Gender ought not to be conceived merely as the cultural inscription of meaning on a pre-given sex (a juridical conception); gender must also designate the very apparatus of production whereby the sexes themselves are established. As a result, gender is not to nature; gender is produced as the discursive/cultural means by which *sexed nature* or a *natural sex* is produced and established as *predominant*, prior to culture, a politically neutral surface on which culture acts” (1990: 7, grifos no original).

princípio que confere sentido à realidade em que vivemos. Mais do que um fator cultural de diferenciação, deve ser entendido como as próprias condições de produção da lógica que institui as diferenças entre o masculino e o feminino. O gênero faz parte da própria cultura e não é somente instituído por ela, assim como o corpo não é instituído pela cultura, mas, antes, produz e dá sentido à cultura.

No universo cultural das travestis, as diferenças de gênero são percebidas e explicadas como tendo um caráter absolutamente natural, essencial, muitas vezes imutável. A predominância do masculino também é característica desse universo social e está em estreita relação com os *habitus* do masculino e do feminino, que se expressam tanto como um princípio de classificação como em disposições corporais, às quais Bourdieu (1995) chamou de *hexis* corporal.

QUAL FEMININO?

Os estudos sobre as transformações do gênero tiveram diferentes objetivos, mas a questão do gênero, dos limites e significados do masculino e do feminino no grupo das travestis e transexuais sempre esteve presente, sendo tema de debate e reflexão. Ainda assim, os estudos sobre esse grupo só recentemente têm sido vistos como contribuições para as elaborações sobre o gênero. Esse objeto de estudo constitui um caso limite do gênero, já que promove um “descolamento” entre o corpo e as práticas e representações do gênero.

Há consenso entre os estudiosos de que, nesse processo, as travestis (ou as transexuais ou o nome que receberam em sua comunidade) constroem-se femininamente. Os trabalhos de Garfinkel (1967) e Kessler & McKenna (1978) são bons exemplos de como as transexuais se embrenham por novas práticas e estratégias de representação para atuação social. Esses estudos, no entanto, pouco contribuíram para avançar na elaboração do que significa o feminino (e o masculino) no grupo em pauta. Essa questão é tomada como dada ou dotada de um significado pronto, numa visão essencialista, e muitas vezes — como, por exemplo, no trabalho de Neusa de Oliveira (1994) — as transexuais e as travestis são comparadas com as mulheres.

Meu objetivo aqui é demonstrar que as noções de feminino, feminilidade e efeminação empregadas e operacionalizadas em alguns trabalhos que tratam do tema não são unívocas e consensuais. Entendê-las assim impede o avanço das nossas compreensões acerca desse grupo, bem como o próprio avanço no desenvolvimento heurístico do conceito de gênero.

As travestis constroem seus corpos e suas vidas na direção de um feminino ou de algo que elas chamam de feminino. Em sua linguagem êmica, querem *ser mulher* ou *se sentir mulher*. *Se sentir mulher* é uma expressão que por si só já traz algumas pistas de como esse feminino é concebido, construído e vivenciado pelas travestis. De fato, a maior parte não se iguala às mulheres, nem tampouco deseja fazê-lo. O feminino travesti não é o feminino das mulheres. É um feminino que não abdica de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre esses polos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes do gênero.

O gênero das travestis se para pelo feminino. Um feminino tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluído. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre o contexto específico de determinada situação e os sentimentos e concepções da travesti a respeito dos domínios do gênero. É o feminino travesti.

Nas seções subsequentes, com o intuito de compreender melhor as realidades de gênero vivenciadas pelas travestis, procurarei descrever alguns “domínios do gênero” nesse universo.

OS MITOS DE ORIGEM

O calor naquele dia de verão ensolarado era intenso. Além do sol constante, o ambiente extremamente úmido dava a impressão de este ser o dia mais quente do ano. Logo que cheguei à casa de Adriana (27 anos), em uma cidade da região metropolitana de

Porto Alegre, chamei pelos presentes sob a vigilância atenta de um cão. “Pode entrar, ele é manso!”, me respondeu a madrinha de Adriana que veio me receber e me acompanhou até onde Adriana estava. No pátio de trás da casa (onde moravam mais duas famílias compostas pelos irmãos de Adriana), sob a sombra de uma árvore, Adriana me recebeu com um sorriso e um “Oi” enfático. Levantou-se rapidamente e veio caminhando na minha direção. Em meia dúzia de passos ela mudou o longo cabelo cacheado de lado por duas vezes. Vestia apenas um bustê e um calção minúsculo. Depois de beijos e abraços, levou-me até a sombra onde estava sentada. Ali, desprocuradamente, em meio a um sem-fim de retalhos de tecido, linhas, botões etc., costurava roupas para as suas bonecas. Enquanto me mostrava os dois últimos modelos que tinha acabado de fazer, o pai dela nos olhava com certo ar de dúvida ou de reprovação. Quando ele veio até onde estávamos para me cumprimentar, disse, entre gargalhadas: “A Adriana e essas manias de brincar de boneca. Desde criança não consegui consentir esse vício dela!” (Diário de campo, 12/01/1997).

Tal observação me deixou de “orelha em pé” e, desde então, por meio das entrevistas e mesmo da observação cotidiana, tenho notado a importância atribuída aos “modos” ou “orientação” femininos na construção das travestis, comumente relatados desde a primeira infância.

Jogos e brincadeiras tipicamente identificados com as meninas como brincar de boneca, de médico, de roda, trejeitos e inclinações naquela perspectiva (das travestis) feminina; recusa a aventuras ou brincadeiras violentas; desejo de permanecer sempre alinhadas e limpas — não são histórias isoladas. Pelo contrário, constituem um núcleo comum nas narrativas das travestis sobre a infância e as primeiras memórias de sua “diferença”.

Um dos aspectos mais interessantes encontrados em todas as narrativas da infância das travestis é a inversão da desinência de gênero gramatical. Se no tempo atual, em que reconstróem suas memórias, utilizam a desinência feminina para se referirem a si mesmas,

mas, quando estão relatando fatos e acontecimentos de sua infância, antes de terem iniciado as transformações corporais, empregam a flexão masculina. Assim, falam de si quando crianças no masculino, ainda que atualmente prefiram ser designadas com a desinência feminina. Essa duplicidade do gênero gramatical empregada pelas travestis parece desempenhar uma dupla tarefa: além de dar conta de um período da vida em que não tinham autonomia (e que lhes garante certa autonomia no presente, pelo fato de já terem vivenciado os domínios do masculino), também traz em si a própria história da transformação e suas implicações (inclusive o emprego (quase) definitivo do gênero gramatical feminino) quando da reconstrução de suas histórias.

As narrativas construídas pela maior parte das travestis para justificar e explicar os processos de transformação de gênero iniciam e situam-se necessariamente na infância. É nessa fase que elas começam a perceber que têm algo de “diferente” dos outros meninos e tranquilamente com sua família. Mas nem sempre foi assim: quando criança, seus pais “o” levaram ao médico em duas ocasiões, para tentar curá-“lo”. Como essa estratégia não surtiu efeito, decidiram colocá-“lo” num colégio interno religioso, no qual os alunos, além de estudar, eram obrigados a trabalhar em serviços domésticos e agrícolas. Isto não modificou os desejos de Ângela de se transformar femininamente. Segundo ela, apenas os intensificou, devido à convivência com um grande número de meninos, o que fazia com que se sentisse desejada sexualmente.

De resto, as histórias de maus-tratos e tentativas de medicação ou tratamento dessa “diferença” por parte da família não são raras; ao contrário, parecem ser quase uma regra.

Não entendo por que isso, porque criança é inocente, não tem culpa nem malícia de nada. Eu não fazia isso [brincar de boneca e vestir-se com as roupas da irmã mais velha] de propósito. Eu simplesmente tinha vontade e fazia. Mas meu pai não entendia e desci o lago (Gabrielle).

Muitas vezes os maus-tratos não se relacionavam apenas aos trejeitos ou “modos” femininos apresentados durante a infância, mas também, ou prioritariamente, procuravam coibir o desejo e a prática sexual homoeróticos.⁶ São bastante recorrentes as histórias de desejo sexual e de relações sexuais com homens na infância, seja com colegas e amigos da vizinhança, seja com garotos mais velhos por quem nutriam uma suposta afeição particular. O desejo e a disposição para a prática sexual homoerótica ainda na infância são argumentos essenciais, na perspectiva das travestis, para que elas possam se construir subjetivamente enquanto sujeitos femininos.

Desejar sexualmente um homem e proporcionar-lhe prazer desde a infância é quase um imperativo no processo de transformação de gênero (o que nos diz muito acerca das estreitas ligações entre gênero e sexualidade na cultura desse grupo) e um marco inicial no processo de percepção e auto-reconhecimento da “diferença” da qual são portadoras. Este parece ser um traço diferenciador entre a experiência das travestis brasileiras e a das *transsexuals* ou *transgender* da América do Norte e Europa, conforme Kulick (1998a: 48). Para as americanas, o interesse erótico por homens não é um fator determinante na construção de sua identidade social, que está centrada em sua condição feminina, percebida como um atributo mental ou orgânico e desvinculada do desejo e da orientação sexual. Há transexuais que vivem e se concebem como heterossexuais. Já para as brasileiras, a questão de *ser viado* é onipresente em suas narrativas dos processos de transformação do gênero.

A percepção do desejo de transformação e do desejo sexual por homens ainda na infância, portanto, parece ser muito comum entre as travestis brasileiras. Oliveira (1994), Silva (1993) e Florentino (1998) já sublinharam a importância desse processo na construção social e sexual das travestis. Por outro lado, o aprendizado de que aquilo que elas sentem e desejam é socialmente reprovável e merece punição acontece simultaneamente ao aprendizado sobre

⁶ Don Kulick salienta, em sua pesquisa em Salvador, que é a combinação desse desejo homossexual com o comportamento feminino que direciona e estimula as travestis para os seus primeiros encontros sexuais em que invariavelmente assumem o papel passivo (Kulick, 1998a: 52).

seu desejo e seus sentimentos. Como ensinou Claustres (1990), a lei social é apreendida e inscrita nos corpos dos sujeitos para que dela não se esqueçam. Curiosamente, as travestis utilizam-se desse mesmo princípio ao inscreverem nos seus corpos (quando das modificações e transformações, conforme demonstrado no capítulo precedente) a concepção social de gênero e sexualidade.

As travestis enfatizam e vivenciam a sua construção enquanto sujeitos femininos, a despeito de sua socialização e educação enquanto meninos e futuros homens, como um processo duro, muitas vezes solitário, de enfrentamento e sofrimento.

É importante destacar aqui que o desejo de transformação se localiza ainda na infância, o que o investe de uma característica “natural” e “interna” da pessoa (retornaremos a essa questão adiante). A origem de tal desejo e de tais práticas não é, portanto, localizada em algum atributo cultural ou social, como as relações entre mãe e filho, como quer a psicologia.

Há que se levar em conta também que o sentimento e o comportamento femininos são vistos a partir da mesma ótica que concede o desenvolvimento de todas as pessoas, homens e mulheres, ou seja, o argumento de que esses processos são “naturais”, e não artificiais ou deliberadamente construídos pelos sujeitos. As travestis acionam os mesmos critérios e explicações utilizados para dar significado a todas as possibilidades de gênero e sexualidade com o intuito de conferir um significado positivo ao seu caso particular. Nesse grupo, os atributos da sexualidade e do gênero são usualmente investidos de uma característica natural (portanto imutável, fixa) ou predefinida (destino, natureza) para todas as pessoas independentemente de seu sexo anátomo-fisiológico, e esse argumento também é válido para as travestis.

Contrariando a alegação de que o processo de transformação do gênero vivido pelas travestis tem um fundo moral (argumentos como pecado, “pouca-vergonha” etc.), o que significaria concordar com uma deliberação racional e de vontade própria para tal transformação (argumentos muitas vezes acionados pela ciência e, em consequência, pelo Estado e suas instituições, bem como pela Igre-

ja), as *monjas* sustentam que o seu processo de construção e transformação já estava marcado, traçado e decidido. O desejo de transformar-se é um sentimento puro e “ingênuo”, que não traz em seu escopo “malícia” ou “maldade”. É algo que sempre foi assim (desde que nasceram, ou melhor, “*desde que eu me conheço por gente*”, como me afirmou Célia) e que dificilmente pode ser mudado ou redirecionado. Identificando todo esse processo com uma qualidade natural, as travestis vão ao encontro da noção, mais aceitável para a nossa sociedade, de que os “desvios” têm uma causa orgânica ou natural, não sendo resultado de uma deliberação do sujeito. Acionam, assim, lógicas criativas de enfrentamento do estigma que cerca sua condição.

É também na infância que acontece o primeiro contato com outras travestis, pela televisão ou mesmo nas ruas das grandes cidades, onde essas personagens há tempos deixaram de ser obscuras ou pouco visíveis (Oliveira, 1997; Silva & Florentino, 1996; Pirani, 1997). A primeira visão e o primeiro contato com outra travesti são sempre relembrados com muito entusiasmo e emoção e são, necessariamente, marcados por um processo de auto-identificação. “*Quando eu vi ela com aquele peito manavilho, eu pensei ‘É assim que eu vou ser!’*”, disse Gabrielle em uma entrevista. A visibilidade social e a inserção cotidiana das travestis (ver Silva & Florentino, 1996; Oliveira, 1997) garantem um lugar de legitimidade para os desejos sexuais e de transformação vividos pelas novas *monjas*. É uma das únicas referências positivas que elas têm em meio às repressões e proibições a que são submetidas.

Em certo sentido, poderíamos conceber a primeira relação sexual com um homem e as primeiras *montagens* como os fatores diferenciadores da fase infantil, inocente. As *moninhas*, ao recontar suas histórias, identificam nesses aspectos uma explicação para a coragem do enfrentamento e da auto-afirmação. Apesar das insistentes recriminações e proibições dessas práticas pela família, vizinhança e outras redes, elas não desistem. As travestis se apoiam na perspectiva “naturalista” sobre o gênero e sobre a sexualidade para explicar e justificar as práticas que contrariam aquilo que é social-

mente esperado delas, pois se trata de uma perspectiva que evoca uma lógica interna, sobre a qual elas não teriam controle racional.

O INGRESSO NA REDE DE TRAVESTIS: APRENDIZADO DO GESTUAL, DAS TRANSFORMAÇÕES CORPORAIS E DOS VALORES DOS GÊNEROS

Kulick (1998a) observou entre as travestis de Salvador, Bahia, que um dos primeiros passos na construção da identidade travesti passa pelo abandono da família. Esse padrão parece se repetir no Sul, pois, entre as minhas informantes, 89% (76 informantes de um total de 85) abandonaram o lar para encontrar espaço e “*seguir meu destino*”, como me disse Claudine. Algumas foram expulsas pelos pais, que não aceitavam suas idéias e comportamento, algumas fugiram temporariamente, outras saíram deliberadamente. Seja como for, deixar o lar parece ser um momento crucial em seu processo de construção. Quase todas fazem isso entre os 11 e os 14 anos, época em que têm início as alterações corporais em função da puberdade. Há, é claro, travestis que saíram da casa familiar com mais idade e que iniciaram seu processo de transformação corporal mais tardiamente, mas estas constituem a minoria entre as informantes deste trabalho.

Essas histórias costumam ser caracterizadas por muitas aventuras na rua, como dormir ao relento, mendigar, brigas, violência e embates com a polícia, bem como pela descoberta de novos espaços e práticas. Ainda que seja um momento de reconhecimento de muitos perigos e riscos que cercam esse grupo, estar na rua traz uma liberdade não desfrutada antes, que permite às travestis entrar em contato e conviver com outras pessoas nas mesmas condições. É nesse instante que o aprendizado sobre o feminino começa a “*tomar corpo*”, para utilizar uma metáfora bastante apropriada. Convivendo e observando outras travestis, nos locais de prostituição ou em outros espaços, como salão de cabeleireiro, bares, boates, praças, parques e pontos de reunião de travestis e homossexuais, as *bi-chas-boys* aprendem quais alterações corporais são mais valorizadas e como efetivá-las. Nessa convivência são aprendidos os segredos da *montagem*; as técnicas de maquiagem; as formas legítimas e il-

gítimas de seduzir um homem e relacionar-se sexualmente; os segredos e truques da compra, venda e uso de drogas, como maconha, cocaína, anfetaminas, álcool; a linguagem do *bate-bate*, as habilidades e mistérios da prostituição. É também nesse processo que a travesti recebe um nome feminino que, a partir de então, vai afirmar sua qualidade maior.

Beatriz me contou que foi “*batizada*” aos 12 anos, depois de haver fugido de casa por não agüentar mais a violência e as exigências do pai autoritário. Encontrou outras travestis em uma praça do centro da cidade e, depois de *rodar* com elas por mais de dois dias, foi levada a um chafariz, onde foi mergulhada e, nesse ato simbólico, recebeu seu nome atual. Quem a “*batizou*” foi uma travesti mais velha, já falecida. Essa travesti tornou-se a *madrinha* de Beatriz, pois foi ela quem escolheu seu nome, além de protegê-la e tutelá-la em seu processo de construção. Em contrapartida, Beatriz tornou-se *filha* dessa travesti, passando a dever-lhe respeito e consideração.

Essa história é muito comum. Para ingressar no universo da prostituição, por exemplo, é quase fundamental que a nova travesti tenha uma *madrinha*. Assim, muitas travestis têm *filhas*. É comum escutar na *quadra* histórias sobre as gafes ou as “*acertadas*” da *filha* de fulana ou da *filha* de beltrana. Ter *filhas* não é uma prática generalizada: nem todas as travestis têm *filhas* ou pretendem tê-las. No entanto, aquelas que se incluem nesse círculo, tanto as *madrinhas* como as *filhas*, são vistas com respeito e admiração. Constituem entre si uma relação forte e duradoura. Mesmo depois de a *filha* já estar totalmente formada e construída, a relação não acaba: continuam os vínculos pautados pelo respeito, confiança, admiração e proteção que uma exerce em relação à outra. É como se atualizassem, por meio dessas práticas, uma característica socialmente feminina: a maternidade. As *madrinhas* e as *filhas*, em sua relação, ressignificam outra característica do gênero feminino: a reprodução social de novas travestis.

Uma vez inserida numa rede de relações e obrigações recíprocas, a nova travesti refina e aperfeiçoa os códigos que aprendeu. Entre as

principais características a serem aprendidas e moldadas estão o gestual e o uso do corpo. Assim, aprender a andar de salto alto, mostrar movimentos leves e suaves com os braços e com o corpo todo, olhar de uma forma cândida e recatada, mover o cabelo e mesmo andar e sentar são movimentos aprendidos e aperfeiçoados a partir do modelo das outras travestis e da observação do feminino ao seu redor. Essa *lexis* corporal (Bourdieu, 1995) "torna corpo" a partir de um fluxo de aprovações e reprovações de sua apresentação e performance cotidianas, tanto por parte da *madrinha* e da rede de relações da qual a travesti faz parte como por parte de outras pessoas com quem convive cotidianamente e da sociedade em que está inserida.

Garfinkel (1967) apresentou muito bem os esforços empreendidos por Agnes, uma transexual americana que ele observou, para implementar gestuais e apresentação que fossem femininos. O autor denomina esse movimento de *passing*, ou aprovação social do comportamento, ou seja, as características masculinas do corpo e o comportamento já não são identificados ou visíveis para as pessoas com quem a transexual convive ou divide espaços, não havendo dúvidas sobre sua construção feminina. Kessler & Mackenna (1978), seguindo os primeiros ensinamentos de Garfinkel, também encontraram entre as travestis uma fonte importante para demonstrar como a etnometodologia poderia compreender melhor os esforços e investimentos acionados por esses atores sociais para implementar a identidade que constroem para si.

O *passing* é uma importante fonte de debate e preocupação cotidiana entre as travestis, especialmente as mais jovens e ainda iniciantes. Analisam em si e nas outras *monzas* o gestual, o modo de falar e de se relacionar social e sexualmente como *índices* e *signos* de um processo de transformação mais ou menos eficaz. *Passar por mulher* é o objetivo de todas as travestis. Além de afirmar e demonstrar as características intrinsecamente femininas, *passar por mulher* tem como objetivo mostrarem-se desejáveis e atraentes para os homens. Por isso, talvez, todo o investimento em construir externamente os *signos* do feminino, no corpo e em sua decoração, para tornarem-se mais desejáveis aos olhos dos homens.

Esse é o caráter relacional do feminino construído pelas travestis: um feminino que existe em função do gênero do outro, seja mulher, homem ou travesti. É um feminino simultaneamente exterior e interior, um feminino que está presente nos corpos das travestis e nos usos e valores por elas atribuídos aos corpos. É um feminino que ganha sentido quando em relação com o gênero dos outros, especialmente dos homens, que faz as travestis se sentirem femininas.

Se em suas narrativas da primeira infância, as travestis afirmam e justificam seus desejos de transformação em função de uma característica natural, pré-dada, imutável, na atualidade, ao analisar em si mesmas e nas outras a atuação cotidiana na interação, isto é, o sucesso ou insucesso no seu comportamento público feminino, não se reportam mais a algo interno (natural) ou exterior ao sujeito para explicar e justificar tais práticas. Indicam que esse processo é conscientemente manipulado e testado, de forma a adequar-se às razões de aprovação ou desaprovação das outras pessoas. Assim, se tal travesti não sabe se vestir para cada ocasião, isto não é atribuído às suas características internas e inatas, mas, ao contrário, é visto como responsabilidade dela, que não se aplicou ou se esforçou o suficiente para atingir um grau de *passar por mulher* socialmente aprovável. Essa dinâmica entre o exterior e o interior é o principal tópico de aprendizado das travestis, constituindo seu próprio gênero: é o que as faz femininas.

Essas noções do gênero, enquanto uma combinação de algo essencial, intrínseco ao sujeito (o que nos reportaria a uma realidade mais relacional, holista, típica das classes populares no Brasil, conforme Duarte, 1986), com uma intenção consciente e racionalizada sobre os esforços e tentativas de transformar o próprio gênero, constituem traços diastríticos de como esse grupo percebe e representa as diferenças de gênero. Esses critérios são de fato utilizados pelas travestis para classificar-se ou situar-se num campo genérico, mas são, antes, o quadro de referência a partir do qual elas qualificam e se relacionam com o mundo, no qual feminino e masculino são estabelecidos a partir da dinâmica entre o que é intrínseco e o que é criativo, entre o que é natural e o que é artificial.

CABEÇA E ESTRUTURA

Como venho afirmando, uma das instâncias importantes acionadas pelas travestis para a explicação do gênero e sua relevância na constituição dos sujeitos é aquilo que poderia ser chamado de “dimensão interna”, concebida como uma realidade imutável e natural que, em sua perspectiva, é responsável por uma série de processos na constituição do sujeito enquanto ser social. Gostaria de explorar especificamente as dimensões “subjettivas” ou “internas” relativas a esse processo de produção e constituição de um outro gênero. Procurarei concentrar a atenção especialmente nas noções êmicas de “*estrutura*” e “*cabeça*”, que são apresentadas nos discursos das travestis como duas categorias conceituais fundamentais para explicar e justificar os processos internos de constituição de um outro gênero e de fundamentação de suas relações sociais.

A ESTRUTURA DAS TRAVESTIS É ESTRUTURALISTA?

A primeira vez que percebi a importância da categoria *estrutura* foi durante uma conversa empolgada a respeito da cirurgia de mudança de sexo entre cinco travestis. Num dia de verão tórrido, no mês de março em Porto Alegre, visitei três informantes que residem no mesmo apartamento. Lá chegando, pude perceber que, além de Gabrielle, Sabrina e Karina (as três residentes), encontravam-se no local, em visita, duas amigas, Cleusa e Daiana.

Depois de abraços e beijos e das reclamações a respeito do calor, descobri que as cinco, vestidas com peças mínimas, encontravam-se numa discussão sobre o tema da cirurgia para mudança de sexo. A conversa parece ter sido motivada pela visita de Ana, uma transexual porto-alegrense que vivia na França e se encontrava em Porto Alegre para rever as amigas e mostrar a sua nova condição: agora ela possuía uma vagina.

Karina relatava apaixonadamente que vira, na casa de outra tranvesti, o corpo nu de Ana. Cleusa e Gabrielle brigavam pela palavra para poder expressar enfaticamente a absoluta impossibilidade de

se submeterem a tal cirurgia, enquanto Sabrina, com um olhar materno, prometia juntar dinheiro para, com a máxima urgência, virar *mulher de verdade*.

Apesar da sedução de Sabrina e Karina pela possibilidade de adquirir uma vagina, a afirmação comum e mais ênfática no ambiente era de que nem todo mundo pode passar por esse processo. “*Tem que ter muita estrutura*”, disse Gabrielle, o que de certa forma encerrava a discussão, como um argumento categórico.

Já havia me deparado em outras ocasiões com a categoria *estrutura*, que parece ser de uso frequente nos discursos das travestis para designar aquilo que podemos denominar dimensão interna, subjetividade ou âmbito psicológico. Esse termo é especialmente usado em referência à sanidade mental das pessoas. *Estrutura* poderia ser identificada como o elemento de sustentação e substância da saúde mental de cada indivíduo; é uma dimensão irreduzível ao coletivo e que situa por excelência as características mais individuais, privadas e particulares de cada um.

Por outro lado, é indispensável uma boa *estrutura* para que se possa viver em sociedade. Por exemplo, na vida de uma travesti há inúmeros acontecimentos e processos que requerem *estrutura* para ser vivenciados: a decisão de transformar o corpo pela ingestão de hormônios e aplicação de silicone; *assumir* a homossexualidade para a família; trabalhar na prostituição, frequentar escolas e instituições de ensino; fazer o teste anti-HIV; decidir submeter-se à cirurgia de mudança de sexo; ou mesmo situações aparentemente cotidianas, como tomar um ônibus lotado correndo o risco de *levar batida*?

Numa noite de maio de 1997, eu estava reunido com três tranvestis em frente a uma entrada de garagem na avenida Polônia, Zona Norte da cidade, tradicional ponto de prostituição. Dois dias antes, Suelen havia sido levada ao hospital devido a uma forte crise respiratória. Lá, fora submetida ao teste para HIV. Descobri-

¹ Expressão utilizada pelas travestis para se referir a situações em que são discriminadas ou apontadas em meio a risos e chacotas, especificamente em lugares de concentração de pessoas ou multidão.

do-se soropositiva, não tirou e saltou do quarto andar do hospital, morrendo instantaneamente.

Em virtude do suicídio de Suelen, os ânimos e a conversa tinham um tom muito sério: todas discutiam e opinavam com ar grave e triste. A conclusão geral parecia indicar que Suelen não tinha *estrutura* para agüentar a notícia, o que a levava ao suicídio. Na roda de discussão, o assunto em pauta era o teste anti-HIV, e todas concordavam em ressaltar que era imperioso ter uma excelente *estrutura* para se submeter a tal prova.

Ai mona, eu não quero nem saber de falar em teste. Fico toda assim ô. Porque comigo já estourou mais de uma camisinha. Eu acho que se fizesse e tava com a "tia" eu fazia igual a Suelen, eu ia querer morrer. Credo, eu não tenho estrutura para agüentar isso (Rosa).

A *estrutura* não é, todavia, a única instância ou categoria a definir o mundo interno do sujeito. Ela se encontra em posição complementar com a noção de *cabeça*, que também define atributos e processos particulares a cada pessoa.

Na mesma situação em que se discutia a cirurgia para mudança de sexo, a noção de *cabeça* esteve recorrentemente presente nos discursos das travestis. Quando o assunto era a questão da feminilidade de Rogéria, a opinião corrente era que o fato de ela ter criado uma vagina não a fazia mais feminina do que outra travesti.

A mulher tá na cabeça da gente. Não é só porque agora ela tem uma boceta que ela é mais mulher do que eu ou do que a Karina ou do que a Daiana. Quando eu vi ela eu achei ela bem bonita e chique, mas ela não é mulher. Ela é um viado. Um viado que nem nós (Gabrielle).

Também Sissi, numa entrevista, disse que a única transexual que conheceu não tinha atributos muito diferentes dos seus.

Ela é muito bonita, mas é um puto. Um viado no jeito de falar e dava gritinhos e toda a frescura de bicha e tal que mulher não tem.

Eu acho que a questão de tu ser mais ou menos feminina vai da cabeça de cada uma (Sissi).

A categoria *cabeça* parece se referir a uma dimensão mais reflexiva de cada sujeito e, ainda que seja complementar à de *estrutura*, possui certa autonomia. Abarca o domínio afetivo e dos sentimentos de cada pessoa e, por isso, está em estreita ligação com a questão da sexualidade e do gênero, portanto, em correlação direta com os processos de transformação corporal. A questão da mudança física da condição de gênero é impulsionada pelos processos sociais e psicológicos localizados na *cabeça*, porque se situa aí a dimensão mais íntima e "verdadeira" de cada sujeito.

Em uma entrevista na casa de Sissi, quando comentávamos sobre suas aventuras amorosas, discutíamos a ação dos hormônios sobre a atuação na relação sexual (estres, além de diminuírem o tamanho do pênis, inibem a produção de sêmen e a ereção⁹). Quando lhe perguntei se sentia prazer ao fazer sexo, afirmou categoricamente:

É claro que eu tenho prazer. Prazer é uma coisa de cabeça, a gente goza e aqui ô [apontando para a sua cabeça] e não aqui embaixo [apontando para a área genital] (Sissi).

A *cabeça* é uma categoria da representação de Pessoa vigente nesse grupo que compreende a sede da dimensão moral de cada sujeito.⁹ A *cabeça* é o domínio do gênero por excelência, é a forma como as travestis se percebem e se produzem femininamente e constroem sua identidade sexual e social. Muitas acreditam que já nasceram com uma *cabeça* feminina. Por isso, identificam na infância as primeiras manifestações de seu desejo de transformação, referindo-se a algo que está situado corporalmente e preestabelecido: a *cabeça* de cada pessoa.

⁹Veja capítulo anterior para maiores detalhes sobre o uso de hormônios e seus efeitos entre as travestis. A representação de "cabeça" aqui descrita, ao mesmo tempo em que se assemelha sobrenancira àquela apresentada por Duarte (1986) para as classes trabalhadoras urbanas no que se refere à sua concepção do "heteroso", guarda com ela algumas sutis diferenças, percebidas especialmente pelo uso de um repertório de noções do campo "psí" que serão tratadas ao longo do texto.

Estrutura e cabeça, portanto, estão em posição complementar no que se refere à representação da dimensão interna do indivíduo. Embora às vezes se confundam e sejam até mesmo usadas como sinônimos, guardam uma série de diferenças entre si no que diz respeito aos processos e dinâmicas que lhe são atribuídos.

Enquanto *estrutura* parece referir-se mais a uma dimensão de mediação e comunicação entre o mundo interno do sujeito e a realidade social por ele experimentada, *cabeça* indica um espaço mais profundo, a sede da intimidade e da "verdade" do sujeito.

As categorias *estrutura* e *cabeça* indicam a existência de uma dimensão interna, psicológica, que parece peculiar. A representação presente nessas categorias remete a um repertório de conceitos das ciências "psi" (Velho, 1981: 96), apresentando a dimensão interna como algo ordenado e quase fixo, porém mutável, consoante a ideologia individualista e seus valores correlatos de "liberdade", "universalidade", "autonomia" e "singularidade"¹⁰ (Dumont, 1985).

Conforme os termos de Foucault (1990), os saberes "psi" consolidam-se como uma importante instância de produção social de representações a respeito do indivíduo moderno. A sexualidade e o gênero das travestis, sendo alvo de explicações e categorias dos saberes "psi" e médicos, colocam-se em situação de contato direto e cotidiano com os valores do individualismo, que parecem influenciar sobremaneira a percepção desse grupo no que diz respeito ao seu "mundo interno" ou dimensão psicológica. É somente nos contextos modernos que noções como "a psicologia da pessoa", *cabeça* e *estrutura*, conforme foram descritas, tornam-se possíveis para definir a fonte de "verdade" dos sujeitos, exaltando o mundo interno como instância constitutiva e definidora da representação de Pessoa. As categorias de *estrutura* e *cabeça*, presentes entre as travestis na sua representação de Pessoa, demonstram a centralidade das noções generificadas para a representação e constituição do sujeito na cul-

tura desse grupo. Assim, as travestis percebem e identificam as diferentes possibilidades do gênero em cada pessoa por suas relações sociais e também pelos argumentos que apresentam sobre os seus desejos internos, isto é, sobre os ditames da sua *cabeça*. Isso não quer dizer que elas tenham interação e familiaridade com as práticas das ciências psicológicas, como a psicanálise e a psicoterapia. Fazem uso dessas prerrogativas "psi" utilizando-as de outra forma, ao explicar sua condição de transformação como alguma coisa que está além de seu controle racional, situada numa ordem natural.¹¹

A INVENÇÃO DA TRANSEXUALIDADE

Com a recente resolução do Conselho Federal de Medicina que autoriza a cirurgia de transgenitalização para fins de pesquisa e experimentação, uma nova confusão acerca das possíveis classificações do gênero tem ganhado espaço no universo das travestis. Essa confusão deve-se principalmente aos critérios utilizados para autorizar a operação. Para proceder à cirurgia, a pretendente tem que fazer acompanhamento psicológico por um mínimo de dois anos, ao longo do qual são analisadas, entre outros fatores, sua relação com a família e suas práticas sociais.

Logo após a primeira cirurgia realizada legalmente no Brasil, em abril de 1998, em Campinas (SP) — a qual foi amplamente divulgada pela mídia nacional, freqüentemente cercada de sensacionalismo —, fui questionado muitas vezes pelas travestis sobre as verdadeiras diferenças entre elas e as transexuais, que seriam as únicas autorizadas a realizar a cirurgia. Em sua lógica de classificação e identificação, buscavam algum traço diferenciador universalista entre um termo e outro.

¹⁰ O surgimento, em meados do século XIX, da Sexologia também cumpre um importante papel na construção desses personagens sociais, e, mesmo que tenha estimulado a ação pública e política dos homossexuais, também acabou por definir "cientificamente" as causas de tal condição (Hekma, 1996). Recorrendo a princípios explicativos que percebem o sujeito cindido entre corpo e alma, os sexólogos apresentaram modelos que até hoje são utilizados, por vezes pelas próprias travestis, para justificar sua condição. Expressões como "alma de mulher em corpo de homem", "sexo invertido" ou "erro da natureza" ainda são empregadas em várias situações, especialmente nos discursos do senso comum, impulsionados pela imprensa e pelos meios de comunicação de massa.

¹¹ Durante (1983, 1986, 1997) e Velho (1981) demonstram o comprometimento do campo "psi" com a noção moderna de indivíduo. Também Foucault (1990), por meio dos conceitos de "tecnologia do campo "psi" ou da força disciplinadora do "poder-saber", demonstrou a relação entre a constituição de um campo "psi" e a representação moderna de Pessoa, consubstanciada na noção de indivíduo.

Também por ocasião do V e VII ENTLAIDS (Encontro Nacional de Travestis e Liberados que trabalham com Aids), realizados em São Paulo, em 1997, e em Fortaleza, em 1999, tive a oportunidade de presenciar inúmeras discussões e debates sobre as reais e definitivas diferenças entre as travestis e as transexuais. Mesmo sendo tema de discussão em grupos de trabalho específicos e das inevitáveis e frutíferas elucubrações nos corredores e nos horários fora da programação oficial, a dúvida sobre a “verdadeira” diferença permaneceu para boa parte das participantes.

Embora o movimento político de transexuais seja a cada ano mais expressivo no país, a categoria transexual e seus significados, construídos pelas ciências médicas e psicológicas, são ainda muito exógenos para boa parte das travestis brasileiras. A primeira associação de defesa e luta pelos direitos das transexuais foi o Movimento Transexual Brasileiro, criado em Cuiabá, MT, em 1995. Atualmente há outros grupos consolidados e atuantes no cenário nacional.

Importada da Psicologia e da Sexologia, a categoria *transexual* parece adequar-se mais às realidades experimentadas pelas culturas do Norte, como Estados Unidos e Europa Setentrional, com suas características racionalistas e protestantes tão bem formadas e estabelecidas (ver Kulick, 1998a; Pirani, 1997; Shapiro, 1991), nas quais as diferenças entre os gêneros parecem mais rígidas e rigorosas.

Acredito que as travestis brasileiras são apenas um exemplo dos muitos processos possíveis de transformação de gênero que existem na humanidade. Na cultura ocidental, e também na sociedade brasileira, convivemos com diferentes grupos e pessoas que realizam vários processos de transformação de gênero. Isso não significa que todos experimentem as mesmas emoções e sentimentos, tenham os mesmos valores e pontos de vista, convivam em ambientes socioculturais semelhantes ou mesmo que tenham práticas sociais análogas. Pelo contrário, essas diferentes possibilidades de viver e construir o gênero estão entrecortadas e influenciadas por inúmeros fatores e condições sociais e culturais — por exemplo, a classe social —, aos quais se associam. Por ser criada e produzida no âmbito das ciências médicas e psicológicas, que se utilizam de pressupostos

universalizantes e homogeneizantes, a noção de transexual parece de difícil adequação às práticas e identidades que neste trabalho estão em análise, justamente porque essa noção não leva em conta os pontos de vista nativos em sua formulação.

Assim, ainda que muitas travestis tenham o desejo de saber mais sobre as diferenças entre seu corpo e sua identidade e entre elas e as transexuais, poucos são os traços diferenciadores que fazem sentido em seu universo. Muitas ficam tentando entender se são ou não transexuais, outras afirmam incontestemente sua transexualidade, e há aquelas que acham desnecessário esse debate.

No Brasil já existe um movimento organizado de transexuais, e essa categoria é um assunto abordado com certa frequência pela mídia. Várias pessoas, inclusive entre as minhas informantes, auto-identificam-se como transexuais. No entanto, é possível traçar algumas diferenças importantes entre as transexuais e as travestis. As transexuais dominam uma linguagem médico-psicológica refinada, apóiam-se em escritos científicos dessas disciplinas (muitos deles já desacreditados nos seus próprios campos acadêmicos) para explicar e demonstrar seu modo de ser, evidenciam as diferenças entre sua condição e a das travestis por meio de argumentos e razões fundamentadas nas noções de patologia e desvio, criem-se doentes e deduzem que o tratamento e a cirurgia podem ser o instrumento de correção ou de ajustamento de seu corpo à sua personalidade. Essas concepções estão relacionadas à origem de classe. As informantes que se auto-identificam como transexuais possuem, via de regra, maior escolaridade; têm, portanto, acesso a bibliografias técnicas sobre o assunto com mais facilidade e situam-se mais próximas socialmente das explicações institucionais e científicas sobre a questão.

Durante uma discussão no grupo de travestis do GAPA/RS sobre as semelhanças e diferenças entre travestis e transexuais, chegou-se à conclusão que o principal traço diferenciador é que as últimas não aceitam a sua genitália e negam ter nascido homens, enquanto que as travestis fazem uso ativo de seus órgãos genitais. As transexuais definem-se pela negação das travestis, isto é, as primeiras não querem aquilo do qual as segundas usufruem.

É importante perceber que, enquanto as autodefinições das travestis se baseiam em critérios e características de gênero ambíguos, fluidos — como, por exemplo, a não-fixidez dos papéis sexuais ativos e passivos em suas sexualidades —, as representações construídas pelas transexuais sobre sua condição afinam um modelo de gênero definido, rígido, em que a separação entre o masculino e o feminino é nitidamente marcada. As transexuais negam qualquer potencial erótico do órgão genital masculino; elas não aceitam utilizar o pênis para o prazer porque, em sua visão, as mulheres não têm pênis. Por isso desejam tanto a cirurgia de transgenitalização. As transexuais parecem negar, em suas explicações e justificativas, a ambigüidade, a principal característica que constrói e define as travestis.

O UNIVERSO GENERICADO DA PROSTITUIÇÃO

O espaço da prostituição é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino entre as travestis, especialmente entre as informantes desta pesquisa. Assim, os diversos espaços de prostituição de travestis espalhados pela cidade, normalmente de cos e exclusivos, servem de camarim e palco para o processo de trans-formação do gênero.

É nos diferentes territórios de *batalha* que muitas travestis têm seu primeiro contato com outras *monas* e que vêem concretizados os seus desejos de transformação. Normalmente são trazidas por outra travesti que já freqüenta o lugar e conhece as demais, o que lhes garante uma espécie de “proteção” na *quadra*. Ao narrar as suas histórias sobre o início na prostituição, as travestis referem-se a esse período como *cair na vida*, *cair na batalha*, *cair lá embaixo* (referindo-se a uma região geográfica da cidade onde há prostituição de travestis, normalmente designada como sendo um lugar de baixa altitude) ou simplesmente *cair*, o que também é descrito por Kulick (1998a: 136) em sua pesquisa na cidade de Salvador. Essa expressão talvez guarde relação direta com a idéia, presente no senso comum, de que a prostituição (e aquela exercida na rua, especialmente) constitui uma ocupação imoral e degradante do ser hu-

mano, como se a pessoa literalmente “caísse” para um nível mais baixo da experiência humana. Por outro lado, esse processo também é visto como uma passagem para o mundo adulto, funcionando a “queda” como um trampolim para uma mudança de *status*, característica também descrita por Prieur (1998a: 72) no México.

Os territórios de prostituição constituem um importantíssimo espaço de socialização, aprendizado e troca entre as travestis. Mesmo aquelas que exercem a prostituição apenas esporadicamente freqüentam esses lugares. Há travestis que têm nas zonas de *batalha* o principal (e às vezes o único) ponto de encontro e convívio social. Assim, esses lugares são muito mais do que um espaço de trabalho e fonte de renda; é neles que muitas *monas* fazem amizades, compram e vendem roupas, objetos, materiais de *montagem*, perfumes, adornos, drogas etc. É também nesses lugares que aprendem os métodos e as técnicas de transformação do corpo, incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos *triques* e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais), aprendem o *habitus* travesti. Esse é um dos importantes espaços em que as travestis se constroem corporal, subjetiva e socialmente.

É também o principal espaço de trocas matrimoniais. Os maridos e namorados, muitas vezes, são homens que circulam nesses territórios em busca de sexo e diversão. Como bem observa Kulick (1998a: 136), o espaço da prostituição é visto também como um espaço de experiências prazerosas e enriquecedoras do gênero.

É nas *quadras* de *batalha* que se aprendem, por meio de um fluxo de aprovações e reprovações das outras travestis, dos clientes e transeuntes, as formas de ser feminina e de ser desejada pelos homens que ali circulam, sejam eles (potenciais) clientes ou não. O espaço da *batalha* é um dos principais cenários de aprendizado e restagem do gênero, que se dão por meio de um complexo sistema de estímulos, sinais, aprovações e reprovações que confirmam, negam ou questionam os investimentos no processo de transformação do gênero. Esse *feedback* que as travestis esperam das colegas, dos clientes, transeuntes e outras pessoas é fundamental para a

conformação dos valores atribuídos ao feminino e ao masculino, que vão sendo construídos em função da aprovação ou não dos investimentos no convívio social.

É na *esquina* que as travestis procuram se exibir, se insinuar e se oferecer de forma a se sentirem atraentes para os desejos dos homens que ali circulam. É na *rua* que sentem que as suas formas corporais e sua performance feminina dão resultado, isto é, são eficientes para que os homens as desejem. Esse espaço é concebido como o principal meio de troca e aprendizado da carreira travesti.

Os diferentes espaços urbanos onde tem lugar a prostituição de travestis podem ser vistos como se estivessem organizados e subdivididos em diversas categorias, que têm como pressuposto uma concepção de gênero que lhes é particular. É claro que as divisões do espaço físico-geográfico em função das representações correntes nesse grupo acerca do masculino e do feminino são altamente fluidas e estão em constante mutação e deslocamento. Mas, ainda assim, é possível perceber certas características femininas (por parte das travestis) e masculinas (por parte dos clientes), que só têm sentido quando concebidas umas em relação às outras e que são distintas em cada espaço. Parece que cada zona é habitada por determinados “tipos” de travestis, que têm traços, formas físicas, concepções estéticas de se vestirem, se adornarem e se comportarem, bem como concepções sobre desejos e práticas sexuais análogos. Ao mesmo tempo, esses espaços são ocupados e visitados por clientes, *bofes* (forma êmica para designar homens) e outras pessoas do universo masculino que estão em posição complementar àquelas características femininas enfatizadas pelas travestis.

Essa organização espacial não significa que as travestis não possam circular por todas as áreas instituídas de comércio sexual de travestis, o que, aliás, é feito por algumas em busca de novos clientes, amigos, informações e diversão. Entretanto, essa circulação também pode ser entendida como um motivo para gerar tensões internas nos diferentes grupos que ocupam ou “disputam” o pivô légitimo de ocupar determinadas regiões de prostituição. Essas tensões, às vezes presentes num espaço que não compreende mais do

que três ou quatro quarteirões, nem sempre são resolvidas apenas com discussões e xingamentos: a violência física se faz presente na resolução de algumas querelas.

Essa espécie de regionalização dos espaços também é relatada por Silva (1993) no Rio de Janeiro, por Müller (1992) em Porto Alegre e por Kulick (1998a) em Salvador. É perceptível uma certa hierarquia na ocupação dos territórios, que parece estar baseada, segundo as travestis, em uma relação entre as características dos clientes e as características das *monas* que *batalham* em determinada zona. Essas características são uma combinação de traços físicos e sociais. Os clientes mais pobres, os caminhoneiros, os que não têm carro e os que são mais feios compartilham espaços com travestis mais velhas, que vivem em situação de maior pobreza e que fazem investimentos (subjetivos e objetivos) menos apurados na fabricação do feminino. Já os clientes com mais dinheiro, com veículos próprios e que pertencem a um estrato social mais elevado frequentam as zonas ocupadas por travestis mais jovens, que realizam grandes investimentos na construção do feminino, com gosto estético atualizado com as tendências da moda etc. Perlongher (1987) observou dinâmicas análogas entre os *michês* de São Paulo.

Parece que os espaços da prostituição reproduzem os diferentes valores do masculino e do feminino no universo *trans*, em que travestis e clientes ocupam os mesmos espaços por compartilhar esquemas de gênero semelhantes. É como se o espaço social das travestis e suas diferentes posições, especialmente aquelas sugeridas pelo gênero, se reproduzissem nesse pequeno universo.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO: SEXUALIDADE E RELAÇÕES AFETIVAS

A sexualidade tem sido uma das mais produtivas temáticas no que tange às reflexões sobre a questão do gênero nas ciências sociais. É consenso que os estudos sobre a sexualidade, e especialmente sobre a homossexualidade, embora iniciados sob a rubrica dos “comportamentos desviantes” (Heilborn & Sotij, 1998), trouxeram novas perspectivas para as análises antropológicas sobre o gênero, uma vez

que desvincularam o corpo e seus usos (nível "natural") das representações e concepções sobre o que é masculino e feminino (nível "simbólico").

Analisa-se neste trabalho também as preferências e as narrativas de relações sexuais das travestis. E, embora não haja a pretensão de fazer um estudo da sexualidade das travestis (tema que por si só dá pistas e conteúdos para um trabalho específico), cabe trazer à tona esses dados na medida em que a lógica simbólica que os organiza e confere sentido, na perspectiva das travestis, guarda estreita relação com aquela que visa dar sentido às noções de gênero nesse grupo. Os limites e fronteiras entre a sexualidade e o gênero aparecem muito borrados, confusos e fracamente delimitados (Heilborn, 1994), o que remete ao fato de que tais categorias são antes conceitos analíticos do que realidades empíricas independentes. Os dados referentes às preferências e narrativas de relações sexuais são importantes no contexto deste trabalho, pois podem trazer novas luzes e olhares sobre as noções do gênero construídas e vivenciadas pelo grupo analisado.

COM O MARIDO E O NAMORADO

O desejo de ter um *marido* é algo muito corrente no discurso das travestis. Na realidade, apenas uma minoria mantém relações estáveis e duradouras com homens. Das 85 informantes, apenas vinte (23,5%) mantinham, na época da pesquisa, relações há pelo menos três meses com seus cônjuges.

Ainda assim, muitas afirmam que gostariam de ter um marido que as amasse, "(...) *fizesse me sentir mulher*", como me afirmou Claudete. Essa relação desempenha um importante papel na construção do feminino das travestis, uma vez que é o primeiro e mais eficiente contraponto a todos os investimentos materiais e simbólicos por elas empreendidos. Sentir-se desejada como "mulher" é algo onipresente nos discursos das travestis e parece se constituir mesmo em um objetivo, uma meta a ser atingida quando decidem iniciar o processo de transformação do gênero. A relação estável

com um homem confere e afirma o gênero feminino nas travestis, colaborando na construção daquilo que elas chamam de feminino. Mas quem é o parceiro ideal das travestis? Essa pergunta traz em sua origem uma infinidade de respostas possíveis. Cabe descrever aqui apenas algumas características recorrentes nas declarações das informantes sobre o marido ideal e compreendê-las na relação com os traços do processo de transformação do gênero que elas vivenciam.

Se perguntarmos às travestis como deve ser o marido ideal, talvez a primeira resposta seja: "tem que ser homem". Isso não significa simplesmente que precisa ser uma pessoa do sexo masculino, mas sim que tenha se construído, do ponto de vista das travestis, o mais masculinamente possível. Por trás dessa frase, está o significado primeiro de que o marido tem que ter práticas sexuais ativas, isto é, executar a ação de inserção durante a relação sexual. A oposição ativo/passivo, equiparada à oposição masculino/feminino, é estruturante dos valores atribuídos aos gêneros no universo *trans*. Mais amplamente, essa oposição parece organizar também vários traços daquilo que Parker (1991, 1999) chamou de cultura sexual brasileira. Também Kulick (1998a, 1997) observou que o par ativo/passivo é definidor de práticas e representações sobre o gênero entre as travestis da Bahia.

Michel Misse (1979) foi um dos primeiros estudiosos a problematizar a questão do par ativo/passivo na cultura brasileira, a partir da preocupação em demonstrar o estigma que cerca a posição do sujeito passivo sexualmente, seja mulher ou homem. Peter Fry (1982b) explicou que essa oposição entre ativo e passivo, bem como as definições correlatas, convive com outras formas de organização da homossexualidade na sociedade brasileira. Assim, a oposição entre ativo/passivo, da qual podem ser deduzidas outras, como macho/bicha ou forte/fraco, mais do que aos atributos corporais em si, confere significado às práticas por meio dos usos distintos do corpo. Essa oposição estaria presente, de uma forma mais geral, nas concepções sobre a homossexualidade e os papéis de gênero na cultura mediterrânea (Almeida, 1995; Leal, 1989; Peris-

tiany, 1971) e, em parte por influência desta, na latino-americana (Priour, 1998a; Sikora, 1998). No entanto, essa não é a única forma pela qual a homossexualidade adquire sentido nos trópicos; é antes uma das formas possíveis de significá-la.

Entre as travestis, a homossexualidade é um dos argumentos onipresentes na definição e no estabelecimento de identidades. Assim, todas as pessoas (sejam anatomicamente homens ou mulheres) que têm desejo sexual por homens estão automaticamente situadas no pólo feminino. O marido das travestis deve, portanto, estar situado no extremo oposto, deve ser aquele que tem o pênis — a ausência do masculino segundo esse ponto de vista — capaz de satisfazer as vontades daqueles e daquelas que o desejam.

Por isso, muitas travestis orgulham-se de que seus maridos já tenham sido casados “com mulher de verdade” ou mesmo do fato de terem conquistado esses homens quando eles ainda mantinham relações com mulheres. Esse histórico de relações e de desejo por mulheres denota a virilidade do homem, além de reforçar o seu caráter ativo, uma vez que, com mulheres, não há a possibilidade de esse homem desejar outro pênis (pelo menos no ponto de vista das travestis).

O fato de o *bofe* desejar contato sexual com outro homem de forma passiva, seja assumindo o papel de receptor em uma relação sexual ou mesmo tocando e acariciando o pênis, imediatamente desloca, simbolicamente, esse sujeito para o pólo feminino da relação. Uma vez demonstrado esse tipo de desejo ou prática, ele é automaticamente equiparado às travestis. Isso o desqualifica e o exclui do mercado matrimonial das travestis, embora não do mercado sexual. Segundo o ponto de vista das *monas*, as relações afetivas estão organizadas e significadas por princípios de diferença, fato que também foi percebido por Kulick em Salvador (1998a). A condição de igualdade, medida neste caso pelo desejo pelo pênis, acaba com a possibilidade da relação. Isso não significa que travestis não se relacionem sexualmente com homens que assumem papéis passivos nas relações. No entanto, quando se trata de um marido, a premissa básica é que ele precisa ser diferente no que diz respeito ao desejo, já que a diferença anatômica da área genital não existe. O homem da

casas, o marido, não pode assumir um papel feminino (o papel passivo na relação sexual), o que configuraria uma relação anômala segundo os valores dos gêneros entre as travestis.

Por vezes, duas travestis que são muito próximas estabelecem uma relação afetivo-sexual. Esse tipo de relação, embora seja praticamente invisível socialmente, ocorre e, às vezes, perdura por vários anos. No entanto, as travestis raramente admitem essa condição perante o restante do grupo, já que isso seria motivo de chacota e de exclusão por parte das companheiras de *batalha* e mesmo por parte das outras pessoas com quem convivem no universo da prostituição. A relação entre iguais é desaprovada socialmente no universo das travestis, no qual vale a regra da complementaridade, da reciprocidade, da diferença, da relacionalidade.

Os maridos das travestis, via de regra, têm origem social muito semelhante à delas. Procedem em geral das camadas mais baixas da população. Costumam ser homens jovens, com compleição física avantajada, considerados bonitos e/ou atraentes e que têm alguma proximidade com o universo travesti, seja porque já foram namorados de alguma travesti (o que não é raro), seja porque já se prostituíram ou continuam a fazê-lo, ou ainda porque são conhecidos de algum marido de travesti. Ou seja: compartilham universos sociais e simbólicos muito próximos. Além das características corporais, como o tamanho e a forma do tórax e das coxas, o formato do rosto, a demonstração de força, porte e apresentação “viris”, o tamanho do pênis é decisivo para que um homem seja considerado atraente.

O tamanho do pênis muitas vezes está equacionado com a qualidade masculina do homem: quanto maior o membro, maior a virilidade. Homens com pênis avantajados são considerados atraentes e desejáveis pelas travestis, especialmente se elas comprovarem as atitudes ativas desse homem mantendo relações com ele. Assim, o marido de travesti que tenha pênis grande pode virar objeto de cobiça e desejo entre todas as travestis que participam de determinada rede de relações. Esse atributo físico é valorizadíssimo e comprova o caráter masculino do homem na equação simbólica ativo/passivo = masculino/feminino.

Além destas características físicas que atestam sua masculinidade, é preciso que o marido (ou o candidato a marido) aja e se apresente de forma masculina: ele precisa viver uma masculinidade estereotipada. Isso pode significar, por exemplo, ser violento ou ter histórico de vivência em situações violentas. Talvez por isso, muitos maridos das travestis são pequenos contraventores, alguns com passagem pelos presídios. Essas qualidades são tão valorizadas que muitas travestis descrevem as relações sexuais ideais por meio de imagens de situações agitadas, nas quais o marido tem atitudes quase animalescas e, não raro, violentas, sendo o pênis dele o centro da ação. As travestis acreditam que se entregando irrestivelmente a ele estarão desempenhando suas qualidades femininas. Para as informantes, esse tipo de relação sexual seria o único realmente satisfatório e prazeroso, pois se sentiriam tratadas e desejadas pelos seus atributos femininos.

Para tornar esse quadro mais complexo, é comum que muitos maridos sejam sustentados materialmente pelas travestis. Em grande parte das relações, essa situação é o que define a relação como a de marido/esposa, ou marido/travesti. As travestis costumam exercer o papel de provedoras no que diz respeito a comida, bebida, roupas, drogas, moradia e diversão. Os maridos, na maioria dos casos, ficam em casa boa parte do dia e da noite, gastando seu tempo vendo televisão ou consumindo algum tipo de droga. Aqueles que exerciam alguma profissão acabam por abandoná-la, na maior parte dos casos por insistência das travestis. É comum que os maridos sejam sustentados pelas travestis; relatos de maridos que trabalham muito respeito e admiração. Para as travestis, o fato de sustentarem seus *bofes* não causa nenhuma estranheza ou contradição. Acreditam que, assim fazendo, mantêm seus *bofes* fiéis. Segundo Janete: "(...) *esses bofes gostam e dos nossos acués* (dinheiro), *porque homem que é homem gosta de mulher.*"

Algumas vezes, os maridos podem se tornar parceiros das travestis em pequenos furtos e golpes pelo mundo da noite e da prostituição. Isso pode fazer aumentar os ganhos financeiros de ambos e

mostra, publicamente, o valor do vínculo entre eles. Ainda assim, é comum que as travestis sintam-se mais responsáveis pelo sustento financeiro do casal, procurando garantir as despesas.

Por outro lado, esta costuma ser uma das razões citadas por algumas travestis ao explicar por que não desejam estabelecer relações com maridos. Não querem aceitar o papel de provedora do lar e acreditam que a maior parte dos homens, ao se relacionar com travestis, tem como objetivo ser sustentado por elas.

Entretanto, a lógica do amor romântico, do estar "apaixonada", visto como um sentimento puramente feminino, dá sentido e organiza essas práticas. As travestis se "apaixonam" de uma forma supostamente feminina, isto é, na sua lógica do que é feminino e que significa entregar-se totalmente ao homem amado, inclusive no que diz respeito a seus bens materiais.¹² A manutenção da relação por meio do sustento material que a travesti oferece ao seu marido pode também servir como uma espécie de "compensação" pela fidelidade exigida dele, em contraposição à contínua exposição dela no mundo da prostituição. Os maridos das travestis têm que ser fiéis. As traições, especialmente aquelas com outras travestis, são abominadas e passíveis de ser vingadas, inclusive com violência.

COM OS CLIENTES: "ESSAS MARICONA SÃO TUDO PODRE!"

Os clientes das travestis no mercado da prostituição são, em sua absoluta maioria, homens, ainda que histórias de negociação com casais também estejam presentes nos relatos das travestis. Os homens que procuram os serviços sexuais das travestis não podem ser estereotipados e são de difícil descrição e categorização devido à invisibilidade de sua situação, já que a própria prostituição é concebida pelo senso comum como uma atividade exercida pelos profissionais do sexo e nunca encarada como uma relação em que o cliente tem importante papel na construção dos significados que a governam.

¹² Kallick (1998a: 107) também percebeu essa lógica simbólica entre as travestis de Salvador.

Ainda que de forma não muito nítida, é possível divisar duas principais formas de descrever os clientes que aparecem nos discursos das travestis: as *mariconas* e os *home* (as formas êmicas são empregadas assim mesmo no singular). No primeiro grupo parecem estar incluídos todos aqueles que, mesmo com imagem e apresentação de si masculinas, têm desejos de assumir a posição passiva em uma relação sexual com travestis. As *mariconas* são vistas com certo desprezo, porque parece que não tiveram a coragem e a ousadia experimentadas pelas travestis, ou melhor, nem *cabeça* nem *estrutura*, para assumir socialmente o desejo e a inclinação femininos. A esse tipo de clientes são atribuídos adjetivos como *recalcada*, *vicioso*, *nojenta*, *emstida*, que buscam denotar a “falsa” (pelo menos aos olhos das travestis) identidade vivida pelas *mariconas*. Esses clientes, normalmente de classes sociais mais altas, mais velhos, que parecem constituir famílias nucleares tradicionais, procuram as travestis em carros vistosos. Costumam contratá-las para práticas como sexo oral, sexo anal ou mesmo situações mais fantasiosas, como serem vestidos com as roupas íntimas das travestis ou masturbar-se observando um *strip-tease*. Exatamente por estarem identificados com uma posição feminina nessa lógica dos valores do gênero, esses clientes “merecem” ser explorados, segundo as travestis. Frequentemente são eles as vítimas mais comuns dos pequenos assaltos, furtos e chantagens cometidos por algumas travestis. Mesmo violentados, eles voltam a frequentar os locais de prostituição, tornando a sair com suas “algozes”, o que, aos olhos das travestis, só ratifica e dá validade a seus julgamentos derogatórios a respeito desses homens.

Já o segundo grupo, o dos *home*, congrega homens jovens, que fazem parte de grupos sociais semelhantes aos das travestis. Eles procuram as *monas* no mercado da noite, alguns a pé, para assumir papéis ativos nas relações sexuais da prostituição. Contratam as travestis exclusivamente pelos atributos e formas femininas, isto é, para que assumam posições passivas em todas as práticas sexuais contratadas. Essa espécie de cliente também não costuma interessar-se pelo pênis das travestis, que elas procuram ocultar e proteger durante as relações, colocando em evidência os seios, as nádegas e

os cabelos, por exemplo. Há muitas características que aproximam esse tipo de cliente dos homens com quem as travestis *boiam*. *Boiar* significa fazer sexo gratuito com um potencial cliente ou com algum parceiro encontrado durante o trabalho na prostituição.¹³ Alguns desses homens podem mesmo transitar entre os papéis de cliente e de *boiação*.

A maior parte das travestis que se prostituem costuma sair e fazer *programa* com ambos os tipos de clientes. Há algumas que afirmam que não aceitam serem contratadas para assumir posições ativas, pela “inversão lógica” que isto representa em seu quadro conceitual de gênero, ou mesmo pela ação dos hormônios, que fazem com que muitas travestis não tenham mais ereções, inviabilizando esse tipo de serviço. A opinião comum entre as travestis é que as *mariconas* são o tipo mais habitual de cliente, fato que é atestado inclusive pelo sucesso no mercado da noite daquelas travestis que têm pênis maiores, e, por isso, são mais requisitadas. Essas travestis *batem portinhas*, como dizem as outras, isto é, embarcam e desembarcam de muitos carros, do que se deduz que alcançam ganhos financeiros maiores.

AS BOIAÇÕES

As *boiações*, que são o aceite por parte da travesti a uma proposta de sexo gratuito com um homem durante o período de trabalho na rua, são acontecimentos cotidianos no ambiente da prostituição. *Boiação* é o termo empregado pelas travestis para dar significado àquelas relações sexuais rápidas, com homens interessantes e que não envolvem negociação financeira. É quase como um serviço da prostituição, com a peculiaridade de ser gratuito.¹⁴

Ao longo da noite, muitos homens circulam pelos ambientes da prostituição de travestis. Há muitos curiosos que nem sequer fazem propostas de programas, há os que são clientes das travestis e há ainda outros que fazem propostas em que o dinheiro não está

¹³ Esta questão está mais bem detalhada na próxima seção deste capítulo.

¹⁴ As travestis de Salvador denominam este ato de “vício”, conforme Kullick (1998a: 29).

presente, oferecendo seu corpo e, principalmente, seu pênis para as travestis.

Os homens com quem as travestis *boiam* são normalmente homens jovens, de classes populares e universos similares aos delas. Esses homens podem também integrar o mercado matrimonial das travestis, tornando-se maridos. O sexo grátis durante o período de trabalho é realizado somente com homens que sejam ativos, isto é, que ofereçam suas qualidades masculinas para as travestis. As qualidades exigidas desses homens estão depositadas em seus atributos corporais, como as formas e traços do corpo e, é claro, o tamanho do pênis, muitas vezes fator decisivo para o aceite da travesti. Há alguns homens, inclusive, que já são famosos em determinada área de prostituição pelo tamanho de seu pênis, o que lhes confere um *status* peculiar: podem ter sexo sempre que quiserem.

Outras qualidades valorizadas em um homem para *boiar* com ele são as suas insígnias do masculino, que podem estar para além das formas do corpo. Ainda que não tenha um corpo com formas ideais ou mesmo um pênis avantajado, um policial, por exemplo, pode manter relações sexuais grátis com as travestis, pois, pela sua posição social, está investido de muitas qualidades masculinas. Há também outros personagens que circulam pelo mundo da noite (os taxistas, por exemplo) que também parecem constituir um público tradicional das *boiações* das travestis.

Está implícito nesse tipo de contrato — diferentemente da prostituição, em que normalmente se discutem todas as práticas previamente com o cliente — que a travesti assumirá papéis passivos enquanto que o homem será o ativo. Normalmente as *boiações* são realizadas nos *escurinhos*, lugares ermos ou abandonados situados próximos aos pontos de *batalha*. Essas relações não duram muito tempo e normalmente envolvem práticas como sexo anal ou apenas sexo oral, mas também podem envolver carícias e afagos, que estão mais próximos das relações com o marido do que das relações com os clientes.

Não é raro também que um homem que primeiramente se aproximou de uma travesti para uma *boiação* se torne seu marido.

Ou o contrário: o marido, ou ex-marido, de alguma travesti frequentar o ambiente da prostituição em busca de relações sexuais grátis com as *monas*.

As travestis buscam nessas relações sentirem-se desejadas, requisitadas em função de suas qualidades femininas, o que encontram principalmente nas propriedades e práticas ativas, pelo menos no que diz respeito ao âmbito sexual dessa noção. A busca por uma qualidade intrinsecamente associada ao gênero na vida social e, sobretudo, nas relações afetivo-sexuais que as travestis mantêm é uma espécie de motor propulsor de sua construção e transformação de gênero.

À GUIA DE CONCLUSÃO: A AMBIGÜIDADE DAS TRAVESTIS

As travestis, por meio de seus caminhos e processos, conquistaram um espaço peculiar na cultura brasileira. Um espaço que se caracteriza por ser ambíguo, no qual estão presentes ao mesmo tempo os preconceitos, a exclusão, o caráter exótico que cerca esse grupo aos olhos do senso comum e das instituições e os valores e novos olhares, pautados no respeito e na garantia às particularidades e especificidades apresentadas pelas travestis.

A formação de um movimento social específico de travestis ou de transexuais que se propõe a lutar contra a discriminação e a exclusão social é apenas um dos indícios de que essa realidade está em constante transformação e fabricação. É por meio da mobilização política que as garantias da cidadania podem ser alcançadas. Por isso, muitas travestis e transexuais acreditam que dessa forma poderão alcançar os benefícios e as vantagens que são comuns a todos os cidadãos (Klein, 1998).

Talvez esse espaço relativo que as travestis têm conquistado na nossa sociedade guarde relação com traços e valores mais amplos da cultura brasileira. O fato de que no Brasil, segundo Parker (1991), os valores atribuídos ao masculino e ao feminino sejam fle-

xíveis e pouco delimitados, construindo um quadro mais “permissivo” no que diz respeito aos gêneros e à sexualidade e seus usos, garante possibilidades para que os desejos de transformação e construção do feminino sobre um corpo masculino sejam realizados. Assim, as travestis, ao fabricar formas e contornos femininos nos seus corpos, estão construindo seu próprio gênero, seus próprios valores relacionados ao feminino e ao masculino, que constituem, em suma, os processos sociais de fabricação dos sujeitos.

Se na cultura brasileira os limites entre o feminino e o masculino não são estabelecidos apenas pelas estruturas corporais dos sujeitos, havendo uma relativa liberdade para o trânsito entre papéis sexuais não seguem a mesma lógica. Pelo contrário, a rigidez nesse contexto é um dos fatores que enquadra as travestis na categoria mais ampla dos homossexuais, ou, em linguagem êmica, na vestis: enquanto o olhar institucional e da sociedade ampla as vê como homossexuais — concebendo-as a partir dos valores atribuídos aos papéis e práticas sexuais —, as travestis se transformam e se fabricam com valores pautados em conceitos de outra ordem, sobretudo aqueles relativos ao gênero e seus usos. Esse jogo ambíguo categoria *homossexuais* e a específica *travestis* é sempre negociado, fabricado, feito, reinventado.

A aproximação das travestis com a questão mais ampla da sexualidade — que segundo Foucault (1990) é uma invenção da cultura ocidental moderna que, por sua vez, pode ser articulada aos valores do individualismo, tais como formulados por Dumont (1985) — situa esse grupo numa posição peculiar no que concerne às suas concepções acerca da Pessoa. Ao mesmo tempo em que as travestis se constroem influenciadas por valores e práticas típicas de identidades e subjetividades pela sexualidade, elas vivem e se socializam em ambientes tipicamente relacionais, que são os das clas-

ses populares no Brasil. Essa duplicidade de padrões e lógicas sociais, que parece caracterizar a cultura brasileira (Duarre, 1986), também é típica da cultura *trans*. O individualismo de sua condição (exemplificado pela autodeterminação de seus corpos, sexualidades e gêneros), em contraposição ao holismo de seus contextos (indicado pelos lugares sociais em que se socializam e convivem cotidianamente), faz com que as travestis desenvolvam concepções particulares acerca do feminino que vivem.

Especificamente pelo fato de as travestis se localizarem num lugar especial, por se encontrarem nas “fronteiras do gênero” (Heilborn, 1998), acredito que o exemplo da sua cultura e do seu gênero, analisado neste trabalho, é um caso paradigmático para a compreensão dos processos sociais que cercam a feita dos gêneros. As travestis vivem e personificam um jogo do gênero — seja verbal, corporal ou das relações — que é artificial e manipulado, criado e reinventado, que tem forma e conteúdo culturais. Elas demonstram, por meio de suas práticas e dos significados atribuídos ao masculino e ao feminino, as características culturais dos processos de fabricação e construção do gênero dos sujeitos. E mais: contribuem para uma compreensão ampliada sobre o papel do corpo nesse processo, demonstrando que a incorporação dos valores e das práticas não pode ser explicada simplesmente pela idéia de um esquema mental aplicado sobre um corpo natural, mas sim a partir da consideração da própria criação e experimentação corporal dessas características e valores. Ao apresentar as travestis e seus processos de fabricação corporal, subjetiva e social, procurei ampliar nosso conhecimento acerca das características sociais e culturais que compõem os processos mais gerais de feita do gênero.

É a incorporação do seu feminino que autoriza as travestis a personificar a ambigüidade, a polissemia de suas relações. Ao mesmo tempo em que produzem meticulosamente traços e formas femininas no corpo, estão construindo e criando seus valores de gênero, tanto no que concerne ao feminino como ao masculino. A ingestão de hormônios, as aplicações de silicone, as roupas e os acessórios, o *acender a meca*, as depilações são momentos de um

processo que é maior e que tem por resultado a própria travesti e o universo que ela cria e habita.

Da mesma forma, os arranjos e jogos das relações que estabelecem com os clientes da prostituição, com os maridos, com os *bofes*, com as outras travestis, com a família e com a sociedade mais ampla estão, sobretudo, pautados e organizados pelos valores que cercam o feminino e o masculino nesse universo: estão construídos pela lógica do gênero. As travestis demonstram, por meio dessas práticas e relações, como masculinidade e feminilidade constituem processos e signos, e não características naturais determinadas pelos corpos de homem e de mulher. Os corpos, que estão presentes em todos os momentos dos seus processos de transformação, também se reinventam, se fabricam, se redesenham e experimentam as sensações, as práticas e os valores do gênero.

As travestis não desejam *ser* como as mulheres. Seu objetivo, antes, é se *sentirem* como mulheres, se *sentirem* femininas. Vivem a experiência do gênero como um jogo artificial e passível de recriação. Por isso, criam um feminino particular, com valores ambíguos. Um feminino que se constrói e se define em relação ao masculino. Um feminino que é por vezes masculino. Vivem, enfim, um gênero ambíguo, borrado, sem limites e separações rígidas. Um jogo bastante contextual e performático, mas também rígido e determinado.

Por isso, talvez, uma certa imagem ao mesmo tempo de mistério e preconceito cerca as travestis, tornando-as simultaneamente “sedutoras” e “perigosas”. Seu poder transformador, sua garra em questionar os padrões e garantir suas diferenças estão explícitos nos seus corpos.

É a não-adequação, aos olhos do senso comum, entre os significados dos seus corpos e os de suas práticas sociais e sexuais, que confere às travestis um poder especial, ambíguo, uma aura subversiva e perigosa, mas ao mesmo tempo sedutora e libertária. Elas questionam e reinventam os próprios modos de fabricação dos sujeitos, trazendo para si o poder de conformar suas curvas, seus desejos, suas práticas e significados do gênero.